



Hydesville, os Fenômenos, as Mesas Girantes

Em 1847, episódios curiosos começaram a ocorrer na granja da família Fox, em Hydesville, Nova York - EUA.

Ruídos, batidas nas paredes e objetos se movendo sem explicação. As filhas do casal Fox, Margaret e Katie criaram um código de sinais para poderem dialogar com aquilo que acreditaram ser um fantasma ou espírito.

O código era rudimentar, a mesa (objeto escolhido por ser cômodo, móvel e porque é mais fácil e natural sentar-se em volta de uma mesa do que de qualquer outro móvel), respondia SIM ou NÃO às perguntas por meio de movimentos e ruídos. Mas o mais importante desses fenômenos é que para receber a mensagem, eram necessárias disposições especiais, isto é, mediúnicas, como as que possuíam as adolescentes Fox.

Por volta de 1850, a comunicação foi se aperfeiçoando, as pessoas sentavam-se ao redor da mesa, colocavam as mãos sobre ela e recitavam o alfabeto. Cada vez que fosse proferida a letra que servisse para formar as palavras, a mesa dava uma batida com uma das pernas.

Também se adaptou um lápis a uma cesta que, posta sobre uma folha de papel, escrevia automaticamente. Os fenômenos se multiplicaram, as mesas dançavam, ficavam sobre um ou dois pés, sob comando, batiam no chão o número de vezes pedido (foi dado ao fenômeno a designação de dança das mesas ou Mesas Girantes); as cestas escreviam, chapéus, bacias, pratos, livros, tudo se movia ao redor.

Logo a curiosidade tornou o fenômeno um novo e excitante passatempo, durante anos as mesas dançantes, ruídos e objetos escreventes foram à atração do salão em várias cidades dos Estados Unidos, Canadá, México, Inglaterra, Alemanha e França.

Mas passada a surpresa inicial, surgiram os homens que começaram a interpretar essas manifestações através de uma observação contínua e uma interpretação científica, essas comunicações foram explicadas como efeitos inteligentes de causas inteligentes, não apenas uma artimanha mecânica ou inexplicável fenômeno físico, mas uma atividade de uma inteligência, que não dependia de receptor das mensagens ou de seus assistentes, mas que provinha de outra fonte, outra causa.

Homens da Ciência, professores e clérigos começaram a investigar e fundar sociedades “para pesquisa psíquica” com a finalidade de estudar vários casos e verificar o quanto de fraude ou de verdade havia neles.

Geralmente, essas sociedades, partiam da afirmação de que o conhecimento até então sobre a natureza e suas leis era insuficiente e que esses fenômenos não poderiam ser explicados a luz das teorias da época.

Muitos explicavam como uma comunicação com espíritos desencarnados, de mortos, de parentes e amigos que queriam se comunicar com seus entes queridos. Essa comunicação é uma prática muito antiga: egípcios, caldeus, persas, chineses, gregos e os povos tribais americanos e africanos se comunicavam com seus antepassados através de formas mágicas ou religiosas. Várias passagens do Antigo Testamento atestam a frequência de tal prática entre os povos vizinhos dos hebreus.

Apesar de atacada e questionada (até hoje), essa teoria foi se sedimentando através da evidência dos fatos e da fragilidade das explicações alternativas (que tentavam destronar os fenômenos) deixando de lado o “Sobrenatural e/ou o Fantástico”, para repousar na análise sistemática e num início de um estudo profundo... (SOUZA, 2010, p. 8 e 9)¹.

QUER SABER MAIS? Leia em “O Livro dos Espíritos”, Kardec (1857), a Introdução: Ao Estudo da Doutrina Espírita - Item III.

Fontes consultadas e utilizadas para a elaboração do Texto:

1 SOUZA, Worney Almeida de. **Chico Xavier: Caridade e Doação ao Próximo Além da Vida**. Editora Escala: São Paulo – SP, 2010.

Mais sobre Hydesville

É conveniente estendermo-nos um pouco nas manifestações de Hydesville, porque elas marcam o início do moderno Espiritismo.

Nos tempos antigos não havia, propriamente, Espiritismo, que é um corpo de doutrina originado pelas manifestações dos Espíritos, senão simples fenômenos, embora fartamente descritos em várias obras, mas pouco estudados alguns, imperfeitamente registrados outros, e muitos mesclados de fatos lendários ou superstições.

Hydesville ficava perto da cidade de Rochester, nos Estados Unidos da América. Ali morava a família Fox, composta de três filhas, duas das quais viviam com os pais; os Fox se estabeleceram na casa desde 1847.



Já a história registrava os fenômenos que os íncios e sectários atribuem a invenção e fraude da família.

José Glanvil, na sua obra *Saducismus Triumphatus*, relatava fatos semelhantes. Outros idênticos não passaram despercebidos a Mompesson em Tedworth e a Melancton em Oppenheim. Os fastos da antigüidade estão refertos de assombrações, casas infestadas, ruídos, baques, arrastamentos...

A casa já tinha reputação duvidosa. Antigos moradores resolveram retirar-se repentinamente, sem maiores explicações.

É que havia ali uns batimentos misteriosos.

As pancadas, ou *raps*, começaram em 1848; depois ouvia-se o arrastar de cadeiras. Com o tempo os fenômenos tornaram-se mais complexos: tudo estremecia, os objetos se deslocavam, havia uma erupção de sons fortes.

Duele idealizou, então, o alfabeto para poderem traduzir as pancadas e assim compreenderam o que dizia o invisível.

Alarma-se a família, vêm os parentes, acorrem os vizinhos, curiosos enchem a casa. Em breve, toda a localidade comentava os acontecimentos.

As meninas eram protestantes; pertenciam à Igreja Metodista; pela crença que lhes ministravam supunham ter trato com o demônio e chamavam o batedor de Mr. *Splitfoot*, ou pé fendido, que corresponde a pé de bode. Alarmadas, pediam ao Invisível que se retirasse.

Mas o batedor declarou-se um falecido; chamara-se Charles Rosma; fora vendedor ambulante e, hospedado pelo casal Bell, ali o assassinaram para roubar-lhe a mercadoria e quinhentos dólares que trazia, enterrando-o, em seguida, na adega.

Deram busca no local indicado e aí encontraram tábuas, alcatrão, cal, cabelos, ossos, utensílios de um bufarinheiro. As pesquisas foram efetuadas por Bush Granger e David Fox.

Uma criada dos Bells, Lucrecia Pelver, declarou que viu o vendedor e o descreve; diz como ele chegara a casa e refere o seu misterioso desaparecimento. Uma vez, descendo à adega, seu pé enterrou-se num buraco, e como falasse isto ao patrão, ele explicou que deviam ser ratos; e foi apressadamente fazer os necessários reparos. Ela vira nas mãos dos patrões objetos da caixa do ambulante.

O seu longo depoimento mostra que um rapaz entrara na casa com seus objetos de venda, que muitos estavam no poder dos Bells, que existia indícios suspeitos na adega e que o vendedor desaparecera sem se saber como.

Finalmente, passados 56 anos, ruiu uma parede da casa e crianças que ali brincavam descobriram um esqueleto. Os Bells, para maior segurança, tinham emparedado o corpo. A descrição completa do fato se acha no número do *Boston Journal*, de 23 de novembro de 1904. “Essas descobertas – diz Conan Doyle – fecharam a questão para sempre e provam, de forma concludente, que foi cometido um crime na casa.”

Dada a grande perturbação em que vivia a família, transportaram-se todos para a casa da irmã mais velha, de nome Lea. Os ruídos continuaram. Mais de 300 pessoas presenciaram o fenômeno de uma só vez. Já a dona da casa se via privada de continuar suas lições de piano; ninguém tinha mais tranqüilidade. A Sra. Fox ficou, em uma semana, de cabelos brancos.

Em outras casas, onde os moradores eram inteiramente alheios ao movimento e até contrários a ele, como na do Pastor Jervis, também começaram as pancadas a se fazerem ouvir.

A Igreja excomungou as meninas como pactuantes com o demônio.

Concluiu-se que se tratava de uma alucinação coletiva. Os pósteros incumbiram-se de descobrir causas mais engenhosas, como de maçãs presas aos pés da moça e estalos nos artelhos, coisa que ninguém vira ou ouvira, apesar das pesquisas inquisitoriais que então se fizeram.

Margarida casara-se com um fanático que vivia a assombrá-la com Satã e o Inferno. Mais tarde ficaram as irmãs em insustentável situação econômica. Foi quando aproveitaram o momento, que outro não poderia aparecer melhor, e explorando, não só as dificuldades em que viviam, como ainda reforçando as ameaças das penas eternas por aquele nefando pecado, ofereceram-lhes grandes recompensas e lhes fizeram envidadoras promessas, se elas confessassem o embuste das pancadas.

As meninas não resistiram.

Incapazes de compreender a alta missão que lhes fora confiada, caíram na armadilha e retrataram-se. A extorquida confissão pouco aproveitou, porque, para logo se arrependeram e declararam que haviam falseado a verdade; a confissão lhes fora arrancada com vãs promessas.

Espiritismo
“A Evolução do Pensamento Filosófico,
Ético e Religioso da Humanidade”



A retratação foi publicada na época. Consta da *Light* e do jornal americano *New York Press*, em 20 de novembro de 1889.

Como, porém, a lealdade e a sinceridade não são requisitos dos espíritos apaixonados, ainda hoje, quando se quer denegrir a fonte do moderno Espiritismo, vem à baila a confissão das moças. Na retratação não se toca, ou quando se toca é para mostrar que não há no que confiar. Os pormenores ficam de lado.

Mas o caso é que se nomearam comissões de investigação, cada qual mais terrível. A primeira compunha-se de cinco membros, acatados, insuspeitos e cépticos. Era tal a certeza do desmascaramento que o *Rochester Democrat* preparou, para não perder tempo, um artigo cheio de boas piadas e que, necessariamente, muito iria fazer rir, com o título “*Entire exposure of the rapping humbug*” (Completo desmascaramento da velhacaria das pancadas).

Mas os cinco, contra a expectativa geral e as jocosas previsões do periódico, declararam que os *raps* não provinham das moças, senão das paredes e pontos distantes, sem que fosse possível descobrir a procedência humana ou qualquer indício de fraude.

Houve grande tumulto, perdeu-se o artigo humorístico e foi nomeada nova comissão mais severa, mais céptica, com peritos em matéria de velhacaria e trapaçes. Esta segunda comissão, depois de investigação longa e minuciosa, conclui ainda pela ausência de fraude.

Nova celeuma. Reclama-se gente que tenha desmedida energia. Forma-se uma terceira comissão, para a qual são escolhidos os mais apaixonados opositores. Um deles declarou, solenemente, que se atiraria às quedas do Genesee se não apanhasse o truque.

O exame das moças atingiu, então, as raias da brutalidade: foram isoladas, puseram-nas diante de espelhos; pesquisadoras femininas despiram-nas, inspecionaram-nas, e ainda as amarraram, selaram... Olheiros e escutas tinham olhos e ouvidos sobre elas; vários argos rondavam a casa. E os fenômenos se foram reproduzindo sem que se pudesse apanhar a maroteira. Ouviam-se bateduras pelo chão, pelas paredes, pelo teto, pelos aposentos vizinhos, em lugares onde elas não estavam. Não houve jeito de descobrir a burla. Muito desapontada, a comissão rendeu-se à evidência e confessou a inexistência de qualquer processo fraudulento. Os fatos eram absolutamente verídicos.

Nova e violenta algazarra. Desta vez quiseram linchar as moças, o que não levaram a efeito pela corajosa intervenção de alguns heróis.

No salão onde se achavam, tiveram que sair às escondidas. Conta-nos Conan Doyle: – “*Houve um vergonhoso tumulto e as meninas foram conduzidas furtivamente para uma porta dos fundos; no momento, a razão e a justiça ficaram empanadas pela força e pela insânia.*”

Quando se desencadeia uma campanha contra o Espiritismo surgem os estafados e risíveis ataques, onde se fala na marosca das irmãs Fox. Quem conhece, porém, a história das pancadas de Hydesville e o drama de que elas foram vítimas; quem sabe da complexidade dos fenômenos, da fiscalização exercida, dos testemunhos existentes, do valor dos depoentes, do empenho em se demonstrar a intrujice, da intervenção dos cientistas, da atmosfera de animosidade contra as meninas e contra a família, ficará abismado com a perversidade dos detratores.

Sobre estas experiências diz o já citado historiador: – “*É difícil imaginar como os fatos narrados poderiam ser mais severamente verificados.*” (*A História do Espiritismo*).

Convém acrescentar que as meninas tinham, uma 11 anos e a outra 14, e ninguém, a não ser um opositor sistemático, compreenderá como jovens inexperientes e simples poderiam enganar os vizinhos, as visitas, as multidões que iam vê-las, as comissões, os peritos, os adversários, os cientistas e os aparelhos empregados no exame. As pancadas respondiam até às perguntas mentais.

Em Rochester, no ano de 1850, dois corpos de investigadores, sendo elas as médiuns, receberam, em lugares separados, mensagens idênticas e de altíssimo teor, assinadas por Benjamim Franklin.

Submeteram-se à investigação de William Crookes, num aposento em que havia o experimentador, sua mulher e a médium; puseram um lápis e papel em pequena mesa; mão luminosa aparece no espaço, vinda do alto, toma do lápis e escreve rapidamente.

Horace Greely, candidato ao governo americano, testemunha diversos fatos.

Butlerof e Aksakof visitam a médium e o primeiro escreve:

“De tudo o que observei sou forçado a concluir que os fenômenos peculiares a essa médium são de forte e convincente natureza objetiva, de molde a fazer que um céptico ponha imediatamente de lado qualquer explicação artificial do fato.” (*Spiritualist*, 04/02/1876).

S. C. Hall, conhecido literato, descreve uma sessão em sua casa, onde se manifesta a falecida esposa, e declara na *Light*, 1882, pág. 239:



“Observei os mais belos fenômenos.” E o Professor Stack, que o acompanhava, acrescenta: “Duvido que tenha visto algo mais convincente.”

Colleman assegurou que recebera uma das mais evidentes provas de identificação de Espíritos.

Capron, numa conferência, teve a coragem de afirmar, diante de grande assistência, que os fenômenos eram autênticos.

Cromwell Varley, o genial eletricitista inglês, num relatório apresentado à Sociedade Dialética de Londres, em 1869, falou sobre as experiências, afirmando que foram admiráveis e de impecável fiscalização.

Livermore, banqueiro americano, assegurou: “É uma extraordinária sensitiva; durante dez anos vi fatos de tal ordem que me sinto em dívida de gratidão para com ela.”

Poderíamos, ainda, acrescentar os depoimentos de vultos eminentes, como os do Reverendo Griswold, do romancista Fenimore Cooper, do historiador Bancroft, do Reverendo Dr. Hawks, do Dr. J. W. Francis, do Dr. Marcy, dos poetas Willy e Bryant, do General Lyman, do jornalista Bigelow.

Difícilmente se encontraria um rol mais valioso de testemunhas.

“Chegara o momento preciso em que era necessário chamar a atenção deste mundo para os mistérios do outro. Nova era começava em que os homens se deviam encaminhar para a harmonia e para a paz.” Foi o que declararam os Espíritos ao governador Tellmadge, quando indagou a razão daqueles ruídos e ao que eles vinham. *“Nosso desejo – lhe responderam – é que a humanidade viva em harmonia e que os cépticos se convençam da imortalidade da alma”*.

Não se compreendia bem o que eram aqueles fenômenos, ou ao que vinham eles. O grande papel que o Espiritismo tinha que representar não estava bem definido, apesar do aviso dado pelos primeiros batedores. Era preciso por em ordem as diversas peças esparsas, dar-lhes um sentido, explicá-las, trazer o lampadário que iria esclarecer o grande movimento que despontava à face do mundo, que iria transformar esse mundo de dores em mundo de esperanças.

Foi quando Allan Kardec apareceu no grande cenário espiritual.

(IMBASSAHY, 1988, p.24 a 29)

Texto Extraído da Fonte:

1 IMBASSAHY, Carlos. **A Missão de Allan Kardec**. Departamento de Difusão Doutrinária. Federação Espírita do Paraná. Curitiba, 1988.